

Entre a resistência e a intolerância: embates dialógico-ideológicos em torno da candidatura de Thabatta Pimenta à Câmara de Vereadores de Natal, RN

*Between resistance and intolerance: dialogical-ideological clashes about
Thabatta Pimenta's candidacy for the Natal (RN) City Council*

Matheus Silva de Sousa ¹ 

Paulo Eduardo Ferreira da Silva ² 

Maria da Penha Casado Alves ³ 

William Brenno dos Santos Oliveira ⁴ 

RESUMO

Este artigo analisa os embates dialógico-ideológicos em torno da candidatura de Thabatta Pimenta à Câmara de Vereadores de Natal (RN), sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin. A pesquisa explora, analiticamente, como a investidura pública de Pimenta na política representa um marco na luta por direitos humanos e inclusão social, consagrando-se como a primeira mulher trans eleita vereadora no Rio Grande do Norte. A análise foca em comentários de redes sociais sobre a candidatura, categorizando-os em vozes de intolerância e vozes de resistência. Para empreender o estudo, em termos teórico-metodológicos, esta investigação se baseia na abordagem dialógica da linguagem, na ideologia como fenômeno verbo-axiológico e na luta de classes como constituinte da construção discursiva. Os enunciados analisados apresentam comentários ambivalentes, sendo contrários, que frequentemente desumanizam a candidata, e usam discursos religiosos e conservadores para justificar a exclusão, como também favoráveis, quando expressam apoio, solidariedade e reconhecimento à trajetória de Thabatta. Desse modo, percebe-se uma arena de embates valorativos constituída em torno da candidatura de Thabatta Pimenta, tornando-a, efetivamente, um símbolo de resistência e transformação em um contexto político de monologismo e intolerância.

Palavras-chave: Thabatta Pimenta. Embates Dialógico-Ideológicos. Análise Dialógica.

ABSTRACT

This article analyzes the dialogical-ideological clashes surrounding the candidacy of Thabatta Pimenta for the Natal City Council, in the state of Rio Grande do Norte (Brazil), from the perspective of the Bakhtin's Circle. Analytically, the research explores how Pimenta's public investiture in politics represents a milestone in the struggle for human rights and social inclusion, establishing her as the first transgender woman elected as a city councilor in Rio Grande do Norte. The analysis focuses on social media comments regarding her candidacy, categorizing them into voices of intolerance and voices of resistance. In theoretical and methodological terms, this investigation is grounded in the dialogical approach to language, ideology as a verbal-axiological phenomenon, and class struggle as constitutive of discursive construction. The analyzed utterances reveal ambivalent comments: some are opposed to the candidate, frequently dehumanizing her and using religious and conservative discourses to justify exclusion; others are supportive, expressing solidarity, recognition, and support for Thabatta's trajectory. Thus, it is possible to identify an arena of evaluative clashes constituted around Thabatta Pimenta's candidacy, effectively transforming her into a symbol of resistance and transformation within a political context marked by monologism and intolerance.

Keywords: Thabatta Pimenta. Dialogical-Ideological Clashes. Dialogical Analysis.

¹ Professor Temporário da Escola de Ciências e Tecnologia (ECT-UFRN) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutorando e mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da UFRN. Natal/RN, Brasil. E-mail: matheus.souza@ufrn.br.

² Professor Temporário do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutorando e mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da UFRN. Natal/RN, Brasil. E-mail: paulo.silva@ufrn.br.

³ Professora vinculada ao Departamento de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL-UFRN). Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Natal/RN, Brasil. E-mail: penhalves@msn.com.

⁴ Professor do Instituto Metrópole Digital (IMD-UFRN). Doutor em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal/RN, Brasil. E-mail: william.oliveira@imd.ufrn.br.

1 PALAVRAS INICIAIS: THABATTA PIMENTA EM EVIDÊNCIA

A política institucional brasileira tem sido historicamente marcada pela exclusão de determinados grupos sociais, especialmente aqueles que desafiam as normas hegemônicas de gênero, sexualidade e raça. Esse fenômeno se manifesta, tanto na sub-representação desses grupos nos espaços de poder, quanto nas barreiras estruturais e verbo-ideológicas que dificultam sua participação ativa no jogo político.

A estrutura patriarcal, racista e heteronormativa, que permeia a sociedade brasileira, reflete-se nas dinâmicas institucionais, limitando a ascensão de sujeitos que não se enquadram nos padrões normativos. Mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBTQIAPN+ e representantes das classes populares encontram dificuldades que vão desde a ausência de financiamento para campanhas, até a violência política explícita, que se manifesta por meio de ataques físicos, ameaças e discursos de ódio.

No caso de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, da qual Thabatta Pimenta de Medeiros Silva faz parte, a exclusão política está ligada a um histórico de marginalização e negação de direitos, que se perpetua na baixa representatividade desse grupo nos parlamentos e na dificuldade de aprovar políticas públicas voltadas à sua proteção. Quando candidatos e candidatas do grupo supracitado conseguem romper essas barreiras e ocupar espaços institucionais, frequentemente enfrentam resistência feroz de setores conservadores, que veem sua presença como uma ameaça à ordem tradicional. Nesse sentido, a candidatura de Pimenta, no ano de 2024, à Câmara de Vereadores de Natal (RN) representa um marco na luta por direitos humanos e inclusão social tanto no contexto brasileiro, quanto em território Potiguar, pois evidencia a complexa interseccionalidade das desigualdades e das resistências no cenário político nacional.

Primeira mulher trans eleita vereadora no Rio Grande do Norte, no ano de 2020, na cidade de Carnaúba dos Dantas (RN), a candidata não apenas rompeu as barreiras impostas a pessoas trans na política institucional, mas também canalizou sua trajetória pessoal para pautar debates essenciais sobre equidade e justiça social. Sua militância, pautada na intersecção entre diferentes frentes de luta, abrange a defesa da população LGBTQIAPN+, a garantia de direitos para as mulheres, a proteção das comunidades periféricas e, de forma destacada, o ativismo em prol das pessoas com deficiência.

A multiplicidade de lutas que Thabatta incorpora faz de sua candidatura um símbolo de resistência e transformação, especialmente em um contexto político em que grupos historicamente marginalizados enfrentam dificuldades para ocupar espaços de decisão. No entanto, essa mesma pluralidade de frentes a torna um alvo frequente de intolerância e ataques, sobretudo por parte de setores conservadores que veem sua presença na política institucional como uma ameaça à manutenção de privilégios historicamente assegurados.

A partir dessas considerações, objetivamos analisar, à luz do arcabouço teórico-filosófico do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016a, 2016b, 2015, 2010; Medviédev, 2016; Volóchinov, 2019, 2017), os embates dialógico-ideológicos⁵ instaurados em torno da

⁵ Entende-se que a análise aqui empreendida privilegia a dimensão dialógico-ideológica dos enunciados, buscando apreender, nas relações estabelecidas entre diferentes vozes discursivas acerca do fenômeno em tela, os valores verbo-ideológicos que atravessam e constituem os sujeitos em sua materialidade discursiva. Nessa perspectiva, o interesse analítico não reside apenas no conteúdo temático dos enunciados, mas, sobretudo, nos posicionamentos axiológicos que emergem

candidatura de Thabatta Pimenta à Câmara de Vereadores de Natal (RN), com vistas à apreciação e à interpretação dos enunciados (comentários publicados na rede social *Instagram*) e dos respectivos posicionamentos axiológicos deles emergentes⁶. Em outras palavras, almejamos evidenciar os contrastes e os conflitos que revelam a posição de sujeitos do discurso, entre a resistência e a intolerância, ao responderem e reagirem valorativamente à pauta acima elencada.

Assumimos, assim, um lugar epistemológico que compreende os enunciados como produções históricas, ideológicas e axiologicamente marcadas, constituídas nas relações entre vozes sociais em constante tensão. Nessa direção, a análise empreendida busca compreender os embates discursivos presentes nos comentários selecionados, considerando suas condições de produção, circulação e resposta no interior da rede social *Instagram*. O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir da apreciação de publicações do perfil da então candidata e atual vereadora de Natal, Thabatta Pimenta, selecionadas segundo critérios temáticos e discursivos: postagens relacionadas à candidatura à Câmara Municipal de Natal, que apresentassem a imagem da candidata e mobilizassem posicionamentos dos seguidores acerca da candidatura de uma mulher trans ao legislativo municipal.

Posto isso, a definição do *corpus* de análise se justifica pela relevância social, política e discursiva dos embates em torno da ocupação de espaços institucionais por corpos trans e travestis, especialmente em contextos marcados por disputas ideológicas e narrativas de violência e resistência. Então, dentre as postagens analisadas, selecionamos um post específico em que a candidata anuncia sua pré-candidatura por meio da afirmação "VÃO TER QUE ACEITAR! VAI TER TRAVESTI EM NATAL SIM!", acompanhada de um conjunto de prints que expõem comentários transfóbicos direcionados a ela durante sua trajetória política. A partir de um recorte cronológico, cultural, semiótico e comunicacional, elegemos comentários em resposta a esse post que evidenciavam recorrências temáticas e posicionamentos axiológicos divergentes. Esse diálogo sinalizou um conflito entre as posições axiológicas, fazendo-nos organizar o estudo em duas categorias analíticas: vozes favoráveis e vozes contrárias à candidatura. Tal recorte metodológico permitiu observar como diferentes sujeitos sociais disputam sentidos sobre representatividade, legitimidade política e existência de pessoas trans nos espaços de poder, configurando uma arena discursiva atravessada por relações dialógicas e ideológicas.

Para tanto, a seguir, explanaremos o arcabouço teórico-metodológico, baseado nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, pelo qual teremos condições de enxergar e analisar os dados logo adiante. No final deste trabalho, retomaremos nosso objetivo inicial com a finalidade de refletir acerca daquilo que os dados explicitaram durante nosso trajeto.

Consecutivamente, na próxima seção deste artigo, iniciamos nossa discussão acerca da abordagem dialógica da linguagem.

do diálogo entre discursos socialmente situados, evidenciando os modos pelos quais os sujeitos se constituem e são constituídos nas relações de linguagem.

⁶ Mais esclarecimentos acerca disso serão evidenciados no texto que encabeça a seção 3 deste trabalho, intitulada: *uma análise dialógica: entre a resistência e a intolerância na arena discursiva do Instagram*. Ainda assim, de forma a antecipar o olhar do leitor deste texto acerca do fenômeno em análise, destacamos o link da postagem realizada na referida rede social, o qual se encontra disponível em: <https://goo.su/sbV84>. Acesso em: 22 jun. 2025.

2 ENUNCIAR É ASSUMIR UMA POSIÇÃO NO MUNDO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Situados, especialmente ao longo do século XX, em um contexto de significativas transformações sociais, políticas e epistemológicas, pensadores como Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, parte constituinte daquilo que conhecemos na atualidade como Círculo de Bakhtin, desenvolveram reflexões profícuas em livros e trabalhos acadêmicos⁷, mundialmente conhecidos, que envolvem, para além dos estudos estritamente literários, os estudos da linguagem. Tais estudiosos, em razão de uma crescente insatisfação com abordagens que tratavam a língua em uso somente como um sistema rígido e autônomo, desvinculado das interações sociais e culturais, edificaram discussões que geraram contribuições frutíferas acerca desse tema, possibilitando entender como a linguagem realmente funciona no entremeio das relações humanas (Faraco, 2009).

Dessa forma, emergindo da necessidade de se pensar a língua transcendendo os limites de teorias estruturalistas e formalistas, fundou-se uma corrente de pensamento que traz à tona a indispensabilidade de contemplar a interação como uma resposta a essa necessidade de compreender a linguagem como um fenômeno social dinâmico, onde o diálogo, entre textos e contextos, é o meio pelo qual os sujeitos constroem os seus dizeres e, sobretudo, suas identidades. Essa nova perspectiva não apenas enriqueceu a Linguística e a Literatura, mas também teve profundas implicações em áreas como educação, comunicação e estudos culturais, promovendo uma visão mais heterogênea e analiticamente valorativa a respeito da construção discursiva, já que, segundo Mikhail Bakhtin (2016a, p. 11), “[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”.

Nesse sentido, ao analisarem os movimentos da língua em uso, levando em consideração os valores verbo-ideológicos que estão implicados nas mais diversas práticas linguageiras, a linguagem, vista sob o prisma de uma abordagem dialógica, não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço de interação e confrontação de múltiplas vozes e sentidos que se entrelaçam na cadeia enunciativa. A partir disso, é possível compreender que a linguagem é uma atividade sócio-histórica, por meio da qual os falantes atuam na sociedade, tornando-se, ainda, um médium em quem os sujeitos, constantemente, negociam e reinterpretam seus modos de pensar e agir acerca de um dado conteúdo temático.

À vista disso, a interação, na abordagem dialógica da linguagem, assume um papel crucial, pois a comunicação verbal se desenrola como uma troca em que os partícipes sociais negociam, aceitam e/ou negam valores, crenças e axiológicas acerca do mundo da vida. Por isso, edificando o que pode ser visto como uma verdadeira arena de embates discursivos, cada ser humano, no processo interacional, traz consigo vivências e pontos de vista únicos, colaborando para construção de sentidos sobre a realidade concreta, refletida e refratada sempre de forma única e responsiva a partir do ângulo de visão dialógico e ideológico de cada um de nós.

A partir dessa compreensão, é possível depreender que a expressão do ponto de vista único e irrepitível dos sujeitos no mundo da vida é materializada na linguagem por

⁷ Referimo-nos, aqui, a trabalhos como *Marxismo e filosofia da linguagem*, *Gêneros do discurso*, *O método formal nos estudos literários*, *Palavra na vida e palavra na poesia*, *Problemas da obra de Dostoiévski*, etc.

meio do que Bakhtin concebe como enunciado concreto. De acordo com o filósofo, o enunciado transcende os domínios da composição oracional, firmando-se como uma “unidade real da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2016a, p.22). Trata-se da manifestação verbo-valorativa que atua de maneira distintiva a uma mera construção gramatical, produzida na interação comunicativa e no diálogo entre sujeitos, textos e contextos.

Para Bakhtin (2016a, p.11),

[...]o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...], mas, acima de tudo, por seu conteúdo composicional.

Por essa razão, uma característica fulcral que envolve a produção do enunciado é a sua orientação baseada na resposta a outros enunciados, posto que não enxergamos a língua “como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua ideologicamente preenchida, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um maximum de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica” (Bakhtin, 2015, p. 40). Com esse raciocínio percebemos que, para Bakhtin, a linguagem se configura como um imenso diálogo, no qual cada enunciado se interliga com outros — concordando, discordando, satirizando ou expandindo debates.

Assim, Bakhtin (2016a, p. 57) esclarece que

[...]os enunciados não são indiferentes entre si nem bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta).

Por essa razão, o contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão inseridos se revela essencial na abordagem dialógica, dado que o sentido das palavras e expressões ganha nuances valorativas heterogêneas, variando conforme a esfera discursiva em que são usadas, considerando fatores como os laços sociais e culturais existentes entre os falantes no ato comunicativo.

Em se tratando disso, é aí que se sustenta a indispensabilidade do outro na linguagem, ser para qual direciono o enunciado e com o qual me construo enquanto sujeito, posto que a interação se mostra vital para o desenvolvimento da identidade e da subjetividade, permitindo que as pessoas se enxerguem nas respostas e nas contribuições dos outros, dado que “em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as suas orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele” (Bakhtin, 2015, p. 51). Sob uma ótica dialógica, a presença do outro não apenas engrandece a ação e a comunicação, mas também se torna essencial para a criação do sentido e o firmamento da compreensão, atentando-se para a ideia de que as relações dialógicas acontecem a partir da construção de sentidos “entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica” (Bakhtin, 2016b, p. 92).

Em continuidade ao que aqui se discute, na próxima seção, debatemos a potencialidade ideológica na produção enunciativa dos sujeitos do discurso.

2.1 Ideologia, valoração e embates discursivos: a linguagem como um palco de interesses sociais multidirecionados

A linguagem, conforme já apontado neste artigo, não é apenas um meio de comunicação, mas uma atividade sócio-histórica pela qual expressamos nossas crenças e valores ou aquilo que podemos chamar, numa acepção mais ampla, de ideologia. Para Valentin Volóchinov (2017), pensador russo pertencente ao Círculo de Bakhtin, a ideologia não é um conjunto de ideias abstrato; está presente em nosso dia a dia, nas interações que temos e nos diálogos que travamos com os outros ao nosso entorno. Cada interação que estabelecemos, cada expressão que utilizamos, carrega, ainda que de maneira implícita, um posicionamento, uma visão de mundo, uma valoração social.

Aliando-se a isso, numa relação dialogicamente direta com o pensamento de Volóchinov (2017), Pável Medviédev (2016, 49-50) defende que

[...] cada produto ideológico e todo seu "significado ideal" não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante.

Nessa perspectiva, a ideologia é um fenômeno verbo-axiológico que se manifesta através da linguagem e dos enunciados que produzimos, da escolha lexical até a expressão corporal que empreendemos ao enunciarmos, frente às demandas e pautas que lidamos na realidade concreta. Por isso, ao falarmos, estamos não apenas transmitindo informações, mas também expressando e moldando nossas visões de mundo, nossas "avaliações sociais" (Medviédev, 2016, p.187), a partir do nosso olhar valorativo sobretudo aquilo que nos atravessa enquanto seres situados em uma conjuntura social, posto que "cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social" (Medviédev, 2016, p. 185).

Em razão disso, Volóchinov (2019a) tece uma crítica à ideia de que a ideologia é puramente subjetiva, que cada um de nós carrega individualmente. Ele argumenta que a ideologia é, na verdade, um fenômeno coletivo. Dessa forma, nossas crenças e valores são moldados pelas interações com os outros, pelas culturas que assimilamos, escolhemos e vivemos e pelas realidades sócio-históricas que enfrentamos, já que "a construção ideológica é, antes de tudo, social" (2019a, p. 103). Isso nos mostra que a ideologia não apenas reflete o que pensamos, mas também influencia como agimos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Outrossim, para tal filósofo, a linguagem, atividade ideologicamente preenchida, nunca é neutra. Ela está sempre impregnada de valores, crenças e perspectivas que refletem e refratam as tensões e as desigualdades sociais. A partir daí, segundo Volóchinov (2017, p.91),

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia.

Dito isso, é coerente afirmar que interagimos com uma gama de signos ideológicos, objetivos valorativos e representativos do mundo. Tais signos não podem ser compreendidos apenas como uma parte da realidade concreta, pois sua constituição é passível de reflexos e refrações de uma outra realidade,

[...]sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo que é ideológico possui significação (Volóchinov, 2017, p. 93, grifos do autor).

Coligando-se à ideia de que tudo possui uma significação, é salutar reiterar que em cada palavra ou expressão há um conflito subjacente entre diferentes forças sociais e axiológicas, dado que, quando usamos a linguagem, estamos, de certa forma, participando de um jogo onde o diálogo instituído entre palavras⁸ e expressões se torna um campo de batalha, no qual o sentido não é fixo, mas constantemente negociado e transformado (refratado) em sociedade. Por esse motivo, o signo ideológico não é neutro e o seu processo de criação e compreensão depende das relações dialógicas que estabelecemos e travamos na vida. Ainda de acordo com Volóchinov (2017), a cadeia de correlações sógnicas existente nas interações verbo-axiológicas “é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sógnico e, portanto, material, a outro elo também sógnico. Essa cadeia nunca se rompe nem assume uma existência interna imaterial e não encarnada no signo” (Volóchinov, 2017, p. 95).

Tendo em mente que “as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação” (Volóchinov, 2017, p. 109), definimos que esse ponto de vista acerca das práticas de linguagem se afasta de duas abordagens tradicionais. De um lado, rejeita a visão idealista, que vê o signo como uma representação una e pura dos pensamentos individuais dos sujeitos, apartando-os das potencialidades da interação. Do outro, se opõe à visão mecanicista, que trata a linguagem como um fenômeno natural, sem levar em conta as influências sociais e históricas vivenciadas pelas pessoas em suas vivências.

Acerca disso, Volóchinov (2017, p. 112-113) acrescenta que, na produção discursiva, há

[...]o cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sógnica, isto é, a luta de classes. A classe não coincide com a coletividade sógnica, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas. O signo transforma-se no palco da luta de classes.

À vista disso, é compreensível que os sujeitos, na inteireza de suas ações sociais, circulam por entre diversas arenas⁹ discursivas, onde cada palavra carrega consigo múltiplos sentidos, disputados pelas diferentes classes e grupos. Assim, uma mesma palavra ou signo ideológico pode carregar saturações ideológicas diferentes, dependendo do contexto social e das intenções de quem a usa.

⁸ A palavra, inclusive, para Volóchinov (2017) é o fenômeno ideológico *por excelência*. Conforme o pensador, “toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferentemente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o *medium* mais apurado e sensível da comunicação social” (Volóchinov, 2017, p. 98-99, grifo do autor).

⁹ Ainda que a tradução mais recente de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Valentin Volóchinov (2017) defina como “palco da luta de classes” (p. 113), preferimos utilizar a palavra “arena” para melhor definir a existência de múltiplos embates discursivos e tensionamentos ideológicos entre diferentes formas de pensar e agir no mundo da vida.

Por esse viés, compreender o conceito de signo ideológico nos oferece um artifício teórico-metodológico poderoso para entender a dinâmica das ideologias na sociedade e para empreender uma análise baseada na abordagem dialógica da linguagem de maneira assertiva. Logo, a produção discursiva não é apenas apreciada como a expressão de um código verbal para transmitir informações, mas um campo onde se travam as batalhas que moldam a sociedade e as relações de poder, no qual os agentes, sujeitos do discurso, atuam na e pela linguagem através das avaliações sociais (Medviédev, 2016) que produzem acerca daquilo que enunciam.

A seguir, passamos a uma breve discussão acerca da seleção dos enunciados para o estudo e, logo depois, empreendemos a análise dos dados a partir de uma relação dialógico-ideológica entre a resistência e a intolerância em comentários acerca da candidatura de Thabatta Pimenta à Câmara de Vereadores de Natal.

3 UMA ANÁLISE DIALÓGICA: ENTRE A RESISTÊNCIA E A INTOLERÂNCIA NA ARENA DISCURSIVA DO INSTAGRAM

Proceder com uma análise de base dialógica é, sobretudo, assumir que partimos de um lugar epistemológico com muitas possibilidades. Assim sendo, a nossa análise aqui está amparada pelas vozes teórico-metodológicas com as quais dialogamos e com os construtos teóricos já resenhados nas seções anteriores (Bakhtin, 2016a, 2016b, 2015, 2010; Medviédev, 2016; Volóchinov, 2019, 2017). Em outras palavras, procederemos uma análise de base dialógica e chegaremos às nossas conclusões a partir das observações dos enunciados escolhidos.

Por sua vez, o *corpus* escolhido para este trabalho foi retirado da rede social *Instagram* da atual vereadora¹⁰ de Natal-RN, outrora candidata, Thabatta Pimenta¹¹. A seleção das postagens foi feita a partir dos seguintes critérios: postagens que abordassem a candidatura de Thabatta à câmara de vereadores de Natal, depois, que trouxessem a imagem da candidata e, por fim, postagens nas quais os seguidores se posicionassem sobre o pleito e, especificamente, sobre o fato de uma mulher trans estar lançando seu nome para ocupar uma cadeira de vereadora na Câmara Municipal da capital potiguar.

Após a leitura de diferentes postagens, decidimos, por questões de tempo e espaço, concentrar nossa análise em um único *post* e em suas respectivas respostas. Trata-se da postagem¹² em que a então pré-candidata anuncia sua candidatura à vereança em Natal por meio da afirmação "VÃO TER QUE ACEITAR! VAI TER TRAVESTI EM NATAL SIM!", acompanhada de um relato acerca das violências transfóbicas sofridas ao longo de sua trajetória política e da exposição de *prints* de comentários preconceituosos e cerceadores, direcionados à sua candidatura. A publicação mobiliza enunciados sobre transfobia, violência, silenciamento e ocupação de espaços de poder, constituindo-se como uma arena discursiva marcada por disputas de sentidos em torno da presença de corpos trans e travestis na política natalense.

¹⁰ Thabatta conseguiu ser eleita como a mulher mais votada para a Câmara de Vereadores de Natal (RN). Disponível em: <https://acesse.one/36sX6l>. Acesso em: 22 jun. 2025.

¹¹ Convém lembrar que Thabatta é uma mulher trans que ganhou notoriedade nas redes sociais por mostrar o seu cotidiano, trabalhando e cuidando de seu irmão Ryan, uma pessoa com deficiência. Além disso, ela se destacou no cenário político nacional por ter sido a primeira mulher trans a conseguir se eleger vereadora em uma cidade do interior do Rio Grande do Norte.

¹² Postagem disponível em: <https://goo.su/sbV84>. Acesso em: 22 jun. 2025.

Nas respostas à postagem, em um movimento ideologicamente contrário ao que foi exposto por Pimenta, observam-se comentários de usuários do *Instagram* que manifestam apoio à candidata e reagem às narrativas transfóbicas expostas. Após um vasto cotejamento e com base nos critérios anteriormente elencados, selecionamos um conjunto de seis enunciados para análise, constituídos pelos expostos por Thabatta em seu *post* e as suas respectivas respostas realizadas na seção de comentários, compreendendo-os como posicionamentos ideologicamente marcados que emergem nesse embate dialógico acerca do potencial atuação da então candidata na política de Natal, RN.

Desse modo, depois de considerarmos um recorte cronológico, cultural, semiótico e comunicacional, é que chegamos a uma orientação mais evidente sobre os enunciados que aqui apresentamos. Nossas escolhas se deram, também, pela representação dos embates entre as vozes que entram no jogo dialógico e se colocam a partir de ideologias e pontos de vista que se chocam. Nossos olhares de pesquisadores foram arrebatados pelas recorrências de alguns posicionamentos e seu delineamento axiológico e discursivo. Nesse ponto, nossa orientação metodológica pela abordagem dialógica da linguagem foi fundamental, pois nos alertou para a existência de um objeto que pedia para ser analisado.

Passemos, agora, à seção em que analisaremos os enunciados escolhidos. Esses foram definidos em trios e por blocos de posicionamentos. Depois, escolhemos e intitulamos cada parte (foram apenas duas) de acordo com as recorrências temáticas que chamaram nossa atenção e posicionamento axiológico defendido em cada trio de enunciados. Ou seja, optamos por criar duas categorias de análise, as quais são: vozes que se posicionaram a favor da candidatura e vozes que se posicionaram contra. Vejamos.

3.1 A intolerância vociferada: posições dialógico-ideológicas contra a candidatura de Thabatta Pimenta

O nosso bloco de análise começará pelas vozes que trazem posicionamentos, em comentários de redes sociais, no nosso caso, do *Instagram*, os quais categorizamos como contrários à candidatura de Thabatta Pimenta. Essa categorização é, inicialmente, meramente organizacional. Significa, portanto, dizer que não são apenas oposições políticas contrárias ao pleito da candidata. Veremos, um pouco, que a via de sustentação e de justificativa dos posicionamentos por trás dessas vozes estão enraizados em crenças e padrões sociais muito mais profundos e danosos. Com esse direcionamento, visamos, à princípio, avaliar as reações adversas à candidatura de Pimenta, as quais refletem e refratam um embate maior entre forças progressistas, que lutam pela ampliação da representatividade e forças reacionárias, que buscam restringir o acesso de determinados grupos ao poder, reafirmando estruturas excludentes.

É importante notar que as vozes aqui analisadas se caracterizam, em essência, como fruto de valores verbo-ideológicos que se opõem ao pensamento progressista¹³, e

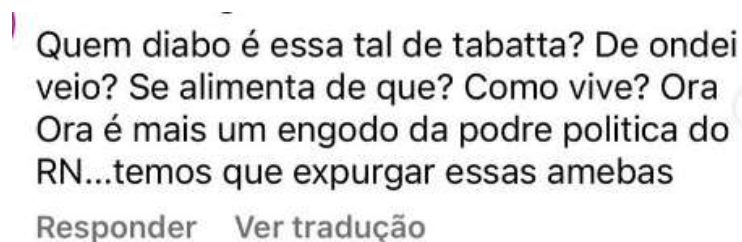
¹³ No contexto das ciências humanas, o *pensamento progressista* é a orientação ideológica que defende a transformação social, a igualdade de direitos e a emancipação humana frente a estruturas conservadoras e autoritárias. O pensamento progressista recusa a *palavra autoritária* (que exige assimilação cega). Ele se alinha à *palavra persuasiva interna*, que é aberta, mutável e em constante processo de acabamento. Para os fins deste estudo, compreende-se o *pensamento progressista* como uma postura ideológica e discursiva orientada pelas forças centrífugas da linguagem (BAKHTIN, 2015). Longe de ser uma categoria estática, o progressismo configura-se como um movimento dialógico de tensionamento das vozes monológicas e autoritárias que buscam a homogeneização social. Trata-se, fundamentalmente, de uma práxis que reconhece o inacabamento do ser humano e da sociedade, legitimando a heterodiscursividade e a alteridade como eixos indispensáveis para a emancipação social e histórica.

que marginalizam minorias, muitas vezes se articulam através de discursos que buscam desumanizar, ridicularizar e invalidar a existência e as demandas desses grupos, como é o caso da população trans, representada por Thabatta. Esses sujeitos do discurso, constituídos na e pela linguagem, ancoram-se, na produção de seus enunciados, em valores tradicionais e conservadores, utilizando a religião, o biologismo e noções de “normalidade” como justificativas para a exclusão e o preconceito. Além disso, frequentemente se valem de estratégias discursivas que apelam à emoção e ao medo, buscando mobilizar apoio através da polarização e da demonização do “outro”.

Uma outra questão importante de se colocar aqui é que todos os comentários, extraídos na postagem do *Instagram* de Thabatta, escolhidos para este *corpus* de análise, são de seguidores homens. Essa foi uma escolha guiada pelo fato da questão gênero nos interessar e essa ser uma sociedade, ainda, muito machista e patriarcal. Portanto, ouvir as vozes de homens pode revelar que seus posicionamentos são mantenedores dessa “chacina” ideológica¹⁴, cuja busca é sufocar a candidatura de uma mulher trans à Câmara de Vereadores da capital potiguar.

Passemos, a partir daqui, ao primeiro bloco analítico, composto por três enunciados: aqueles cujos enunciadores foram expostos ao se posicionaram contra a candidatura de Thabatta Pimenta.

Figura 1: Comentário de usuário do *Instagram*



Fonte: Acervo dos autores (2025)

No primeiro enunciado da tríade selecionada, temos uma série de perguntas abrindo o comentário. Quatro, para sermos mais precisos. Essa foi uma escolha, nitidamente, proposital do enunciador e com finalidade muito bem direcionada. Ocorre que esse formato, ou esse estilo de perguntas, estabelece uma relação dialógica, assim como discute Bakhtin (2016a, 2016b, 2015) ao tratar da interpenetração de discursos, com a composição estilística de reportagens feitas em programas de televisão, exibidas na Rede Globo. Na verdade, essas perguntas aparecem nas chamadas, exibidas nos intervalos da programação, as quais servem para divulgar reportagens feitas sobre espécimes animais desconhecidas, exóticas ou em extinção. Elas são muito comuns em programas como o *Globo Repórter* e no *Fantástico*.

Nesse sentido, o enunciador, através de uma relação dialógica direta, categoriza e/ou classifica a candidata como um animal, no sentido pejorativo do termo. Ele retira dela as condições de ser humano ao realocá-la para o lugar de um animal irracional,

¹⁴ No plano axiológico da análise empreendida, o signo *chacina* é aqui tensionado para além de sua dimensão literal de violência física, operando como uma categoria discursiva de aniquilamento da alteridade. Sob a perspectiva de Volóchinov (2017), o signo é a arena onde se trava a luta de classes, caracterizando-se por sua multacentralidade e dinamicidade social. Ao falarmos em uma *chacina ideológica*, desvelamos o movimento em que forças discursivas hegemônicas e centrípetas tentam extirpar, de forma violenta e sistemática, os acentos sociais e as vozes divergentes do horizonte ideológico de uma dada época. Trata-se, portanto, do ápice do monologismo absolutista: a tentativa de silenciamento total e de apagamento semiótico do Outro, destituindo-o de sua capacidade de responder e de significar no mundo.

exótico, em extinção e, portanto, não-humana. De maneira jocosa e degradante, o enunciador levanta questionamentos sobre o fato de a candidata não ser conhecida por ele, ou por um determinado grupo do qual ele faz parte, e esse recurso (o do riso) serve para descredibilizar a própria existência de Thabatta assim como a sua candidatura. Diferentemente das reportagens, que usam esse estilo em suas chamadas com a intenção de divulgar a reportagem e fazer os telespectadores assistirem o programa, a paródia utilizada por esse seguidor tem a intenção de “apedrejar”, de diminuir e, até mesmo, barrar a eleição de Thabatta Pimenta. São questionamentos de interdição e de censura.

Ademais, uma outra pista discursiva que nos chama atenção é a presença do signo ideológico (Volóchinov, 2017) “diabo”, no início da primeira pergunta. Essa escolha lexical revela a presença de um discurso amparado pela moral religiosa. Não obstante, a figura do “diabo”, como sendo negativo, do mal, a representação daquilo que se deve reprovar, condenar e não aceitar, é uma construção axiológica do discurso religioso de base cristã. É ele essa figura mítica a se temer, o opositor ao deus cristão. E, portanto, para a moral cristã, toda vez que a “paz” social se vê perturbada por qualquer ser que “ouse” desafiar a heteronormatividade e a religiosidade homofóbica, é preciso evocar o discurso que vai marginalizar esses seres sociais para o lugar de diabólicos ou de anormais (Andrade, 2015, p. 191).

Ou seja, quando o interlocutor usou o termo “diabo”, quando fez essa escolha lexical para indagar sobre quem viria a ser a candidata Thabatta Pimenta, não reproduz apenas um dizer popular regional ou local, ele, discursivamente, a coloca no lugar social em que corpos e pessoas são “promovidas” ao patamar de seres odiados, reprovados, vilipendiados e exterminados. Esse uso axiologicamente marcado revela uma estratégia de desqualificação da candidatura de uma mulher trans. No entanto, não é somente isso. Vai além: chancela para a morte do corpo, da existência, da voz e do discurso de pessoas transexuais.

Passemos, agora, ao segundo enunciado desse bloco no qual é recorrente o uso de discursos hegemônicos que incorrem em estruturas muito preconceituosas de nossa sociedade. Vejamos:

Figura 2: Comentário de usuário do *Instagram*

Isso é um **HOMEM** querendo ser **MULHER** a força , até pq Deus fez Adão e Eva e não Adão e Ivo! Seria mais bonito falar que é home. Mas gosta de se vestir e parecer com mulher

Responder Ver tradução

Fonte: Acervo dos autores (2025)

No segundo enunciado, temos mais uma vez um perfil que parece¹⁵ ser de um homem cis. A esse ponto, precisamos dar um destaque, pois é uma marca recorrente entre os comentários da postagem. E, não acreditamos ser um caso de coincidência. O fato de

¹⁵ Utilizamos o modalizador aqui, pois não nos sentimos autorizados para afirmar sobre a identidade de gênero dos perfis por trás dos comentários. Embora existam uma série de elementos, atrelados a imagens estereotipadas e socialmente construídas (como barba, cabelo, roupas, acessórios, etc.), preferimos não afirmar categoricamente por uma questão de respeito e respaldo teórico para tais afirmações.

os seguidores, que comentam a postagem, serem, em sua grande maioria, homens cis sinaliza para nós, dentro do recorte selecionado para o nosso *corpus* de análise, que há um lugar social ocupado por esses enunciadores (do recorte de gênero), o qual outorga as suas posições e, por sua vez, seus discursos. Não é à toa que eles se sentem confortáveis para escreverem e publicarem suas opiniões sobre a candidata.

Além disso, há também a alta sensação de impunidade, plasmada na própria “natureza” do mundo virtual, uma vez que este ciberespaço ainda precisa de muita regulação por parte dos nossos mecanismos e ferramentas de legalidade e segurança, devido à constante propagação de violência contra sujeitos marginalizados (Barbosa; Silva, 2017). Mas voltemos ao enunciado em questão.

No segundo enunciado, a primeira marca para a qual gostaríamos de chamar atenção, é a utilização do pronome demonstrativo “isso” para se referir à Thabatta. Ao escolher essa palavra ideológica (Volóchinov, 2017, 2019), o autor do comentário, do ponto de vista discursivo, coisifica a candidata, retirando dela, com esse recurso, toda sua humanidade. Em outras palavras, ele a lança para um lugar social de coisa, ou de uma coisa qualquer. A tentativa aqui é deslegitimá-la, menosprezá-la e, ao mesmo tempo, autorizar discursos causadores de violência e até mesmo de morte. Um outro ponto que merece destaque são os termos utilizados para marcar a dicotomia homofóbica “homem versus mulher”. As palavras grafadas em caixa-alta, notadamente os lexemas “HOMEM” e “MULHER”, impõe normas sobre os corpos, segregando os seres humanos em uma dualidade binária (Casado Alves et al., 2023).

Além disso, do ponto de vista estilístico e discursivo, há uma tentativa de marcar um tom de grito. Ao marcar as duas palavras em caixa-alta, o enunciador indica para o leitor que se deve ler com certa tonicidade emotivo-volitiva (Bakhtin, 2010). Em outras palavras, vociferando. O tom pode querer impor a dicotomia unilateral e heteronormativa. Essa é uma forma de tentar calar o contraditório. Esse é um recurso muito utilizado por quem, geralmente, não tem argumentos fortes o suficiente para defender seus pontos de vista. Assim sendo, tenta-se impor o que se pensa à base do ataque ou da elevação do tom.

Ainda sobre esse segundo enunciado, podemos afirmar que o recurso à voz de um deus cristão é, mais uma vez, o argumento de autoridade peremptória utilizado. Para o enunciador em questão, a voz da deidade de sua religião é absoluta e não deve ser contestada. Assim, ele se sente à vontade para afirmar e defender que uma mulher trans não existe e que, portanto, estaria invalidada para ser candidata por se tratar de um ser inexistente, na visão do autor do segundo enunciado, em análise. Com isso, ele demonstra, de maneira muito natural, em qual parte da sociedade o seu discurso transfóbico está assentado, ou qual é a base ideológica por trás de tanta invalidação da existência de corpos de mulheres e homens trans.

Por fim, o enunciador do comentário evoca o mito bíblico de Adão e Eva para justificar a sua escolha por uma opinião preconceituosa e transfóbica, tida como uma verdade inquestionável, como apontam Seffner e Barreto Xavier (2024). De acordo com o sujeito que enuncia, o deus cristão haveria criado apenas Adão e Eva e não Adão e Ivo (fazendo alusão a um casal homoafetivo). Essa é uma expressão muito comum no discurso conservador e homofóbico. Na tentativa de, com a corrosão axiológica do riso, invalidar os casais homoafetivos ou a comunidade LGBTQIAPN+, ele (o discurso religioso conservador) busca deslegitimar as múltiplas identidades com essa máxima desgastada pelo populacho. Ora, uma criatura como a Thabatta não poderia ter sido obra do deus

do enunciador em questão. E essa crença o faz, com tranquilidade, mostrar toda a sua ignorância violenta e preconceituosa.

Ao final do comentário, o autor escolhe a palavra “bonito” na seguinte afirmação: “Seria mais bonito falar que é home”. Destacamos o uso desse signo (Volóchinov, 2017), pois coaduna-se com toda a composição binária do comentário. Em oposição ao comportamento “feio” da candidata, o enunciador decide dizê-la o que, de fato, para ele, seria “mais bonito”. Esse ele de ênfase pode nos levar a crer que, em certa medida, ele a julga como um ser feio, mas também pode-se afirmar que há uma pressuposição de que há algo bonito em Thabatta e que chama a atenção desse interlocutor. Não se sabe precisar. O que podemos dizer é que ele avalia como “muito mais bonito” ela dizer que é “home”. Ou seja, mesmo que ela performe socialmente como mulher, para ele, seria mais “aceitável” se ela, no discurso, assumisse uma identidade de gênero da qual ela não se sente pertencente. Nesse caso, temos a hipocrisia sendo revelada pelo discurso velado.

Para finalizar esse primeiro bloco de enunciados, passemos agora para o terceiro comentário.

Figura 3: Comentário de usuário do *Instagram*

Como q uma pessoa sai d casa pra votar
nisso 🤔
Responder Ver tradução

Fonte: Acervo dos autores (2025)

Nesse último enunciado do primeiro bloco, conseguimos identificar, mais uma vez, a tentativa de transformar a candidata em uma coisa, um ser sem as marcas de humanidade que, diante dos acordos sociais, salvam determinados corpos do linchamento público e, algumas vezes, privado. Ao se referir à Thabatta com o pronome “nisso” e se questionar, finalizando o enunciado linguístico com um elemento visual, um emoji de decepção e reprovação (caricatura masculina tapando o rosto com uma das mãos), o autor do comentário tenta reduzir a pessoa de Thabatta ao lugar de nada, de coisa. Ele tenta coisificá-la. E, com isso, vai tentando causar “vergonha” e reprovação em quem seriam seus possíveis eleitores.

Identificamos, através desse recurso, que o enunciador tenta aspergir a existência da candidata com elementos não humanos, monstruosos até, para inibir a população que poderia escolhê-la como líder política, como representante. Com essa expressão, ele busca deslegitimar não só a candidatura, mas o próprio voto em uma mulher trans. A tentativa é muito evidente e não escapa ao discurso: querem a “morte” da candidatura de Thabatha Pimenta. Ora, de acordo com a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), apenas em 2024, o número de candidaturas de pessoas transexuais e/ou travestis aumentou em 229%. E isso mostra que essa mudança, realmente necessária, sobretudo diante dos discursos aqui postos e analisados, tem enfrentado uma onda de silenciamentos das mais diversas formas e ordens.

Na próxima seção, analisaremos mais um bloco de enunciados. Dessa vez, focalizaremos nas estratégias discursivas presentes nos comentários dos seguidores que buscam defender a candidatura de Thabatta.

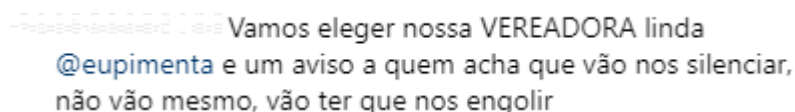
3.2 Vozes de resistência: um olhar sobre os discursos em favor da candidatura de Thabatta Pimenta à Câmara de Vereadores de Natal (RN)

Após analisarmos as manifestações de intolerância e preconceito direcionadas à candidatura de Thabatta Pimenta, é fundamental voltarmos nosso olhar para o outro lado da arena discursiva: as vozes de resistência, que se erguem em defesa de sua representatividade política. Este bloco de análise se dedica a examinar os enunciados que expressam apoio, solidariedade e reconhecimento à trajetória e às propostas de Pimenta. Essas vozes de resistência não são meros contrapontos às manifestações de ódio, mas sim a expressão de um movimento social mais amplo, que busca a inclusão, a diversidade e a justiça social. Elas ecoam os anseios de uma parcela da sociedade que clama por representatividade e que vê em Pimenta uma liderança capaz de defender seus direitos e interesses.

Ao lançarmos luz sobre esses enunciados, buscaremos identificar as estratégias discursivas utilizadas pelos apoiadores de Thabatta para legitimar sua candidatura e combater o preconceito. Observaremos como eles mobilizam argumentos em defesa da igualdade, da diversidade e da importância da representatividade de grupos minoritários na política. Também atentaremos para as formas como esses discursos se conectam com as lutas históricas por direitos humanos e justiça social, evidenciando o caráter transformador da candidatura de Pimenta.

Vamos ao primeiro enunciado deste bloco enunciativo:

Figura 4: Comentário de usuário do Instagram



Vamos eleger nossa VEREADORA linda
@eupimenta e um aviso a quem acha que vão nos silenciar,
não vão mesmo, vão ter que nos engolir

Fonte: Acervo dos autores (2025)

Aqui, mais uma vez, não temos uma palavra neutra, mas um enunciado situado, responsivo e impregnado de valor ideológico. A linguagem não apenas representa o mundo: ela o refrata, o contesta, o ocupa, e é isso que se observa neste breve, mas potente enunciado. O enunciador inicia com uma convocação afirmativa: "Vamos eleger nossa VEREADORA linda". A grafia em caixa alta da palavra "VEREADORA" imprime ênfase e intencionalidade, destacando o gênero feminino do cargo político, o que não é acidental. Trata-se de um gesto linguístico e axiológico que afirma uma presença política antes marginalizada: uma travesti, periférica, agora candidata a ocupar o espaço institucional do poder legislativo, evidenciando uma população que ainda necessita de representação no âmbito eleitoral, conforme denotam Santos e Massuchin (2025). A palavra, aqui, torna-se arena de visibilidade, um signo (Volóchinov, 2017) carregado de historicidade e disputa.

Ademais, ao dizer "nossa vereadora linda", o sujeito não apenas atribui afeto à figura da candidata, mas também realiza um gesto de pertencimento coletivo. O pronome possessivo "nossa" revela a constituição de uma comunidade política e afetiva que se reconhece em Thabata Pimenta. Essa dimensão é central para compreender a

força do enunciado: ele não é isolado, mas emerge de uma coletividade que se afirma por intermédio da linguagem.

O trecho seguinte intensifica o caráter responsivo e combativo do enunciado: “e um aviso a quem acha que vão nos silenciar, não vão mesmo, vão ter que nos engolir”. Nessa construção, o enunciador responde a vozes alheias que buscam interditar a existência e a expressão de seu grupo social, neste caso, a população LGBTQIAPN+, e mais especificamente, as travestis e mulheres trans na política. Ao dizer “não vão mesmo, vão ter que nos engolir”, ele não apenas contesta essa tentativa de silenciamento, mas reverte a assimetria simbólica: o grupo marginalizado assume agora a posição de sujeito ativo, confrontando diretamente seus opressores.

Não obstante, destaca-se aqui, também, a heterodiscursividade presente no trecho “...vão ter que nos engolir”. Essa é uma frase que ficou muito famosa por ter sido proferida pelo técnico da seleção brasileira de futebol, nos idos de 1997, Mário Jorge Lobo Zagallo (1931-2024), ao vivo e em rede nacional. À época, Zagallo quis dar uma resposta às muitas críticas que vinha sofrendo em detrimento dos resultados da seleção brasileira. Neste mesmo ano, Zagallo, depois de algumas derrotas, consegue levar a seleção canarinho ao topo do pódio, mais uma vez, em uma copa américa. Mais de vinte anos depois, a fala, agora na boca de uma mulher trans, resgata as intenções de resposta de Zagallo e sofre um novo acabamento para o terreno político. Há, aqui, nitidamente, um diálogo profícuo e nada inocente (uma vez que tal transposição vem do mundo do futebol, esporte majoritariamente dominado pela masculinidade cis gênero) que é estabelecido pela escolha de Thabatta ao imprimir um novo colorido dialógico para a expressão.

Há, portanto, uma reorganização do campo de forças discursivas (Bakhtin, 2015): o que antes era silenciado agora grita; o que era marginal agora exige centralidade. Esse movimento é materializado na linguagem como resposta viva a discursos opressores, hegemônicos, ainda que esses não estejam explicitamente presentes, eles estão pressupostos, incorporados como vozes que tensionam o enunciado. Por fim, o enunciado se encerra com uma afirmação de resistência visceral, que ocupa um lugar privilegiado na luta pelos sentidos: “vão ter que nos engolir”. Esse dizer refrata um longo histórico de invisibilização, e transforma a dor em afronta, o silenciamento em ruído político. A linguagem se torna corpo, força, presença. Não é apenas uma forma de dizer: é uma forma de existir.

Vejamos outro enunciado:

Figura 5: Comentário de usuário do *Instagram*

Sou potiguar de Natal e te garanto companheira...Aqui na capital, não é fácil! Transfobia, preconceito, racismo etc...esses pseudos elitistas, sempre atuaram dessa forma. Desejo força, sabedoria e resiliência nesse rumo à vitória! 🍀

Fonte: Acervo dos autores

Partindo da premissa postulada pelo círculo de Bakhtin de que não existe enunciado que não seja, em sua materialidade, uma resposta, explícita ou implícita, a outros discursos, aqui observamos precisamente esse fenômeno: o sujeito que se apresenta

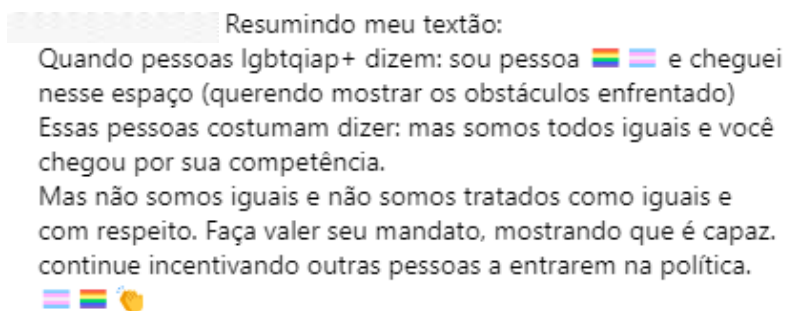
como “potiguar de Natal” dirige-se responsivamente à candidata Thabata Pimenta, cuja presença discursiva é pressuposta, evocada e convocada como co-enunciadora.

Inicialmente, podemos observar que o enunciado não se limita a transmitir uma informação neutra; ao contrário, é movido por uma carga axiológica, que se manifesta na denúncia vigorosa da transfobia, do preconceito e do racismo; práticas que, conforme afirma o enunciador, são características históricas dos “pseudos elitistas”¹⁶. Essa designação carrega em si uma avaliação depreciativa, um juízo ideológico que separa, de modo evidente, o campo daqueles que perpetuam as opressões e o daqueles que resistem e lutam.

Vemos ainda, neste enunciado, a articulação heterodiscursiva (Bakhtin, 2015) típica dos discursos sociais: a voz do enunciador dialoga, e ao mesmo tempo contende, com discursos hegemônicos que ele critica, marcados pelo preconceito e pela opressão. Esta contraposição dá ao enunciado seu caráter de intervenção social, de resposta ativa às forças ideológicas em jogo na arena discursiva.

Vejamos o último enunciado:

Figura 6: Comentário de usuário do *Instagram*



Fonte: Acervo dos autores (2025)

Percebemos, inicialmente, que o sujeito enunciador remete a uma cena discursiva recorrente: “essas pessoas costumam dizer: mas somos todos iguais e você chegou por sua competência.” Aqui se evidencia uma evidente tensão entre duas vozes sociais: de um lado, a voz da pessoa LGBTQIAP+, que reivindica visibilidade e reconhecimento dos obstáculos enfrentados; de outro, a voz normativa que tenta apagar as desigualdades sob a aparência de igualdade formal.

A crítica feita por quem comenta se materializa na medida em que desmascara o caráter ilusório dessa igualdade proclamada. Ele afirma, com contundência: “Mas não somos iguais e não somos tratados como iguais e com respeito.” Nesse ponto, a linguagem se revela como campo de luta de classes (Volóchinov, 2017): o enunciador disputa o sentido da palavra ideológica “igualdade” e a ressignifica a partir de uma vivência historicamente marcada pela exclusão. É, pois, um enunciado atravessado por valores, que não apenas reflete a realidade, mas a refrata de maneira crítica.

¹⁶ Segundo o sociólogo brasileiro Souza (2024), o fenômeno dos pseudo elitistas designa indivíduos que, embora não pertençam de fato às camadas dominantes da sociedade, cultivam uma autoimagem de pertencimento à elite. Essa fantasia se manifesta em comportamentos e atitudes que buscam mimetizar os de um “senhor de terras e gente”, figura histórica que representa o poder e a autoridade no contexto agrário brasileiro. Ao agir como “agregados à família” desse imaginário senhor, os pseudoelitistas tentam legitimar sua posição social e reafirmar uma identidade que anseia por integração ao grupo dominante. Essa conduta, segundo Souza, revela não apenas uma aspiração de ascensão social, mas também uma profunda identificação com os valores e símbolos de poder das classes abastadas, mesmo que essa conexão seja meramente ilusória.

Além disso, há aqui um direcionamento para a ação: “faça valer seu mandato, mostrando que é capaz. Continue incentivando outras pessoas a entrarem na política.” Tal orientação projetiva do discurso expressa aquilo que Bakhtin (2016a) chama de endereçamento do enunciado: a palavra interpela, é orientada a um outro, a quem se dirige e de quem espera resposta ou ação. O enunciado é, assim, ético, pois convoca a interlocutora a resistir, afirmar-se e transformar a cena política a partir de sua própria experiência.

4 UMA TESSITURA FINAL: ACABAMENTOS TEMPORÁRIOS ACERCA DA ANÁLISE EMPREENDIDA

A análise dos embates dialógico-ideológicos em torno da candidatura de Thabatta Pimenta à Câmara de Vereadores de Natal (RN) aqui empreendida revelou a complexidade e a intensidade das disputas de sentido em torno de uma figura política que desafia normas hegemônicas. Conforme evidenciado pelos enunciados analisados, a linguagem emerge não apenas como um meio de comunicação, mas como um campo de batalha onde diferentes ideologias se chocam e se refratam. Por essa visão, notamos que as reações adversas à investidura de Pimenta ao cargo público pleiteado refletem um embate entre forças progressistas, que lutam pela ampliação da representatividade, e forças reacionárias, que buscam restringir o acesso de determinados grupos ao poder, reafirmando estruturas excludentes.

As vozes de intolerância, majoritariamente masculinas e ancoradas em discursos religiosos e conservadores, buscam desumanizar e invalidar a existência e a atuação política de Thabatta Pimenta, por intermédio da utilização de termos pejorativos, da coisificação da candidata e da evocação de mitos religiosos para justificar o preconceito demonstram uma estratégia discursiva que visa silenciar e excluir. Essas manifestações não são meros comentários isolados, mas a reprodução de estruturas patriarcais, racistas e heteronormativas que permeiam a sociedade brasileira e que se intensificam diante de avanços na representatividade de grupos marginalizados.

Por outro lado, as vozes de resistência se erguem como um contraponto potente. Através de enunciados de apoio, solidariedade e reconhecimento, os defensores da candidatura de Thabatta utilizam a linguagem para legitimar sua presença política e combater o preconceito. A afirmação do gênero feminino do cargo, a expressão de pertencimento coletivo e a resposta combativa às tentativas de silenciamento revelam uma comunidade que se fortalece na luta por inclusão, diversidade e justiça social.

Os dados analisados confirmam a premissa bakhtiniana de que todo enunciado é responsivo e ideologicamente marcado. A candidatura de Thabatta Pimenta, enquanto fenômeno sociopolítico, constitui-se como um palco da luta de classes (Volóchinov, 2017), onde os signos são disputados e ressignificados, manifestando-se na ambivalência dos comentários, que oscilam entre a condenação e a celebração, a exclusão e a inclusão.

Portanto, a trajetória e a candidatura de Thabatta Pimenta representam um marco significativo na luta por direitos humanos e inclusão social no Brasil. Os embates dialógico-ideológicos em torno de sua figura não apenas espelham as tensões sociais existentes, mas também apontam para a resiliência e a capacidade de transformação dos grupos historicamente marginalizados que, por meio da linguagem, continuam a desafiar as estruturas de poder e a construir uma sociedade mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. N. O banheiro como fuga do panóptico. In: ANDRADE, L. N. (Org.). **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015. p. 182-212.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016a. p.11-70.
- BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica. In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 71-107.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 17-241.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BARBOSA, B. R. S. N.; SILVA, L. V. Transexualidade, violência e ciberespaço: um estudo etnográfico digital. **Percursos acadêmicos**, v. 7, n. 14, p. 419-435, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2236-0603.2017v7n14p419-435>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- BENEVIDES, B. G. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2025**. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2026/01/dossie-antra-2026.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- CASADO ALVES, M. P.; DOS SANTOS OLIVEIRA, W. B.; GOMES COUTINHO, R. K.; SILVA DE SOUZA, M.; RIBEIRO DA COSTA, J. D. Linn da Quebrada: embates (de)coloniais sobre a mulher do ano 2022. **Revista do GELNE**, v. 25, n. 1, p. e31302, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2023v25n1ID31302>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo/SP: Contexto, 2016.
- SANTOS, B. R.; MASSUCHIN, M. G. Sou, logo represento? Redes sociais no exercício de representação de parlamentares LGBTI+. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 40, p. e40004, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/40004/2025>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- SEFFNER, F.; BARRETO XAVIER, A. J. Pouca formação docente e muita crença religiosa são os males da educação brasileira. São mesmo? **Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 34, n. 2, p. 236-243, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18224/frag.v34i2.14259>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- SOUZA, J. **O pobre de direita: a revolta dos bastardos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

VOLÓCHINOV, V. Do outro lado do social: sobre o freudismo (1925). In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo; Ekaterina V. Américo. São Paulo: 34, 2019. p. 59-108.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Declaração de contribuição dos autores

Todos os autores contribuíram para a discussão dos resultados, aprovaram a versão final do manuscrito e concordam em assumir responsabilidade pelo seu conteúdo. O autor 1 contribuiu com o levantamento e a revisão da literatura, com a construção do referencial teórico, com a análise dos dados, bem como com a redação e a revisão do manuscrito. O autor 2 foi responsável pela concepção e pelo planejamento da pesquisa, pela definição do objetivo, participação na análise dos dados, redação da primeira versão do manuscrito e revisão final. O autor 3 colaborou na análise e na interpretação dos resultados, revisão crítica e edição do manuscrito, na adequação às normas editoriais e revisão da versão final. O autor 4 participou da organização do *corpus* e dos dados da pesquisa, análise e discussão dos resultados e da revisão crítica do manuscrito quanto ao conteúdo.

Declaração de uso de IA

Os autores declaram que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial (IA) na produção deste artigo científico.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES pelo financiamento da pesquisa mediante a concessão de bolsa de doutorado para os dois primeiros autores do artigo. Agradecemos ainda aos pareceristas que avaliaram o trabalho que, com suas sugestões teóricas e metodológicas, contribuíram para o aprimoramento do texto.

*Artigo recebido em: 02/02/2026
Artigo aprovado em: 26/05/2026
Artigo publicado em: 09/07/2026*

COMO CITAR

SOUSA, M. S. de.; SILVA, P. E. F. da; ALVES, M. da P. C.; OLIVEIRA, W. B. dos S. Entre a resistência e a intolerância: embates dialógico-ideológicos em torno da candidatura de Thabatta Pimenta à Câmara de Vereadores de Natal, RN. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 15, p. 1-19, e02604, 2026.